

LI. XII Uma Idéia Fixa 1958

Raul Pilla

NUM dos seus magistrais comentários, Gustavo Corção referiu-se, com uma ponta de ironia, à minha «habitual confiança no parlamentarismo».

Em verdade, habitual e constante, não aleatória, teria de ser a minha confiança no sistema, concedido tenha êle atributos que o recomendam. Não poderia variar a minha confiança, por exemplo, com as estações do ano.

Percebe-se, porém, o que o escritor quis dizer e delicadamente confeitou: parlamentarismo é, em mim, idéia fixa. Não negarei que o seja: mas é idéia fixa, porque idéia certa. E de que Gustavo Corção mesmo a considera mais certa, do que o presidencialismo, tenho eu vários indícios.

A suave ironia do escritor dá-me, contudo, o ensejo de melhor definir o meu pensamento a respeito da questão. Tenho-o dito e redito: não considero panacéia a reforma parlamentarista. Indico-a apenas como eficaz remédio político para os nossos males, ou de natureza, ou de origem política. Será um corretivo para o nosso crônico e cada vez mais grave desgoverno: nada mais do que isto.

E não tenho ilusões, também, quanto à facilidade da aplicação terapêutica. Tão graves são as degenerações da vida pública e tão diminuída anda a capacidade cívica, que longo e laborioso será o período de adaptação: facilmente não se podem superar três quartos de século de defor-

mação presidencialista. Far-se-á mister edificar as virtudes novas sobre sucessivas camadas de vícios antigos. E' tarefa ingente, que não se levará a térmo, se não se houver à mão um grupo de homens públicos altamente inspirados e capazes e, principalmente, se o primeiro presidente da República, o que vai realizar o padrão do novo cargo, não for verdadeiro estadista e não estiver compenetrado da grandeza do sistema que vai dirigir.

Assim, a reforma parlamentarista não é, para mim, panacéia, nem remédio específico de efeito pronto e seguro: abrirá apenas um longo período de trabalhosa reeducação cívica. Pode ela não dar o resultado esperado, isto é, o saneamento da vida pública brasileira; mas, se o não der, não vejo como por outra forma se possa sair do atoleiro. Nem, ainda menos, que o consigamos, mantendo o sistema político que no atoleiro nos vêm afundando.

De que a minha «idéia fixa» não é infundada, como o são as de que trata a Psiquiatria, um simples raciocínio o convence. Os governos, ou são bons, ou são maus. Os bons constituem-se mais facilmente no sistema parlamentar, por causa da responsabilidade política e da seleção de valores que lhe caracterizam o mecanismo. E, bons ou maus que sejam, os maus substituem-se facilmente no parlamentarismo, ao passo que se devem suportar resignadamente até o fim de um por demais longo mandato, ainda que ruinosos sejam, no presidencialismo. Seria necessário apontar algum exemplo? Não, pelo menos, ao ilustre escritor, que todos os dias o está analisando, não haveria que apontá-lo.

Peço agora desculpas a Gustavo Corção, por me ter valido de sua benévola alusão, para voltar a dizer ao público certas cousas que necessitam de ser ditas e reditas.